

FONDA LEE
GUERRA
DE
JADE

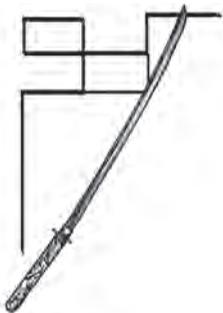
TRADUÇÃO DE JOÃO PEDROSO



ALTA BOOKS

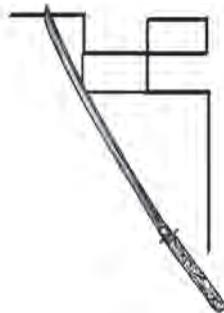
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024



CAPÍTULO 1

CÉUS À ESPERA



Era loucura roubar o túmulo de um Osso Verde. Só alguém com pouquíssima consideração pela própria vida chegaria a cogitar uma coisa dessas, mas, para quem não se importava consigo, aquela noite seria a oportunidade perfeita. Os dias frescos e secos do fim do inverno ainda não haviam dado lugar às incessantes chuvas da primavera, e nuvens baixas obscureciam a lua que ascendia sobre a copa das árvores no Parque da Viúva. As ruas de Janloon andavam estranhamente quietas: por respeito, o povo estava postergando as atividades rotineiras e ficando em casa, pendurando nas janelas as luminárias cerimoniais que serviam de guias espirituais para honrar o falecimento de Kaul Seningtun, herói nacional de guerra, patriarca do Clã do Desponta, o Tocha de Kekon. Então, muito embora Bero e Mudt tivessem tomado a precaução de não empunharem lanternas, não havia ninguém para perceber a chegada deles ao cemitério.

Nuno, o zelador, os encontrara no portão cinco minutos antes do encerramento oficial do expediente.

— Por aqui. — O sujeito jogou um saco de lixo preto para Bero. — Sejam ligeiros. Os guardas da noite só chegam daqui a meia hora.

Mesmo sozinhos, Nuno sussurrava com pressa. Seus olhos, nas cavidades enrugadas do rosto, percorriam com medo as sombras dos arbustos e das lápides. Ladrões já eram a escória da escória de Kekon, mas ladrões de túmulo eram considerados mais gentalha ainda. Uma bala na parte de trás da cabeça, cujo custo, ainda por cima, seria repassado para seus familiares (era essa a punição que poderiam esperar na manhã seguinte caso fossem pegos).

Bero aceitou o saco plástico de Nuno. Usando o muro de pedra como cobertura, pegou duas camisas azuis e bonés bordados com a logo do Cemitério Céus à Espera. Apressados, ele e Mudt vestiram a roupa e colocaram os bonés sobre a cabeça. Nuno os guiou rapidamente em zigue-zague colina acima em direção a um dos maiores e mais proeminentes memoriais do recinto. Um novo buraco fora cavado na frente do imenso monumento de mármore verde. Amanhã, Kaul Seningtun seria colocado para

descansar ao lado do neto, Kaul Lanshinwan, antigo Pilar do Desponta, assassinado e enterrado dezesseis meses antes. *Dezesseis meses!* Uma eternidade frustrante que Bero passou tramando e à espera daquela jade.

Nuno mesmo fizera a cova naquela tarde; um trator com uma retroescavadeira acoplada continuava ao lado do túmulo. Bero foi até a borda do buraco retangular no chão. Uma brisa balançou a grama arruinada a seus pés e levantou o cheiro pungente de terra úmida. Um calafrio de empolgação subiu-lhe pela espinha. Era *disso* que sempre precisara: que outra pessoa fizesse o trabalho pesado por ele. Na primeira vez que, junto de Mudt, entraram às escondidas no cemitério com pás, haviam sido interrompidos por um grupo de outros adolescentes bêbados cambaleando para lá e para cá na penumbra enquanto tentavam assustar uns aos outros; na segunda, começaram a chover e mal conseguiram cavar um centímetro antes de quase serem pegos pela segurança. Depois disso, Bero entendeu que teriam que ser mais espertos, bolar um plano melhor e esperar a hora certa de agir.

Para sua surpresa, Mudt se agachou e pulou para dentro da cova primeiro. O garoto olhou para cima e, com os olhinhos de furão reluzindo, enxugou as mãos. Bero tirou a bolsa do ombro e pegou as ferramentas de que precisava. Passou-as para Mudt e depois o seguiu. As solas de seu sapato bateram na terra recém-exposta. Por um segundo, os dois adolescentes se encararam, maravilhados com a própria ousadia. Depois, juntos, começaram a atacar a parede do buraco com as pás e foram cavoucando como toupeiras até o caixão vizinho.

Nuno ficou vigiando perto do trator, mastigando areca e fingindo estar tirando um intervalinho casual do trabalho pesado de abrir uma cova. Era incomum que precisasse levar a retroescavadeira; a maioria dos kekonésios eram cremados e sepultados em columbários ou enterrados em pequenos buracos feitos à mão. Devido a questões de espaço, até mesmo famílias ricas como os Kaul, que tinham condições de pagar por túmulos completos, eram enterrados a apenas trinta centímetros uns dos outros, então não demorou muito para que a pá de Bero batesse numa superfície dura. Sufocando um grito de triunfo, ele redobrou os esforços. Terra voava, escorria por suas mãos suadas e, quando ele parou para enxugar a testa, ficou com marcas marrons no rosto. Não sentia fadiga alguma, apenas alegria e um anseio quase insuportável. Certamente porque sua jade por direito estava tão perto, chamando-o de dentro do caixão do homem que matara.

— Kaul Lan era o pilar do Desponta — disse Mudt numa voz apressada, mas ávida. Era a primeira vez que falava desde que tinham chegado. O rapaz tinha apenas 15 anos, três a menos do que Bero, e empunhava braços

magricelas; o serviço exigia-lhe esforço, e seu rosto fino estava vermelho na penumbra. — É pra ter mais jade do que praticamente qualquer outra pessoa, não é? Mais até do que os irmãos Maik.

Um lampejo vingativo reluziu nos olhos do garoto. Ele tinha os próprios motivos para querer jade.

— Pode apostar, keke — respondeu Bero, sem perder o foco.

Um toque de ansiedade se agigantou sobre o sussurro de Mudt:

— Como é que a gente tem certeza de que vai ter jade aí?

A não ser quando tomada por um inimigo em batalha, a jade de um Osso Verde era herdada pela família do falecido. Em geral, guerreiros eram enterrados com uma quantidade cerimonial de suas joias, mas o caixão de Kaul poderia muito bem conter apenas algumas pedras preciosas, ou até mesmo nenhuma. Levando em consideração o intenso estigma cultural e religioso contra quem roubava dos finados, e a pena de morte atrelada ao crime, o esforço e o risco de roubar covas raramente valia a pena, até mesmo para os criminosos mais assolados pela febre de jade.

Bero não respondeu; não tinha como oferecer nenhuma garantia além de dizer que, quando tinha certo pressentimento, sempre lhe dava ouvidos. E o estava tendo agora. Era como se o acaso estivesse lhe oferecendo um sorriso. As marés caprichosas do destino arrastavam as pessoas para lá e para cá, mas Bero tinha a impressão de que lhe dedicavam uma atenção especial, de que surfava por elas com mais destreza do que a maioria das pessoas. Ah, tivera, sim, muito azar na vida a partir do minuto em que fora arrancado, aos berros, do útero de sua mãe, que vivera tão pouco; mas, por outro lado, continuava vivo quando muitos outros morreram. E agora, ali estava ele, perto de jade.

Já era possível ver a lateral do caixão. O que outrora fora uma superfície polida de cerejeira agora emanava um brilho opaco contra a terra preta. Os adolescentes soltaram as pás, amarraram lenços com força sobre o nariz e a boca e colocaram luvas pesadas de jardinagem. Bero pegou uma serra elétrica.

— Segura a lanterna — pediu, com a voz abafada pelo tecido.

O pequeno feixe da lanterna de bolso de Mudt apareceu, apontado para a superfície do caixão. Quando Bero ligou a serra, o ruído estridente quase o fez pular e deixar cair a ferramenta sobre seus pés. A luz tremeu violentamente antes de voltar a se firmar. Com o coração martelando contra as costelas, Bero enfiou o instrumento no caixão e começou a serrar.

De forma grosseira, abriu um buraco do tamanho de uma tela de TV, depois desligou o equipamento e o colocou no chão. Com ajuda de Mudt,

tirou o pedaço de madeira. Poeira e pedaços de poliéster se soltaram e rodopiaram no ar. Um objeto caiu na terra aos pés deles. Com um grito de euforia, Bero se ajoelhou, mal conseguindo conter a vontade de agarrar o que viu brilhando feito um tesouro desenterrado sob o feixe da lanterna: um cordão de contas de jade; cada pedra era perfeita e, separadas umas das outras com curtos espaçadores pretos, reluziam, verdejantes, atadas a uma corrente de prata. Era tanto o ornamento quanto a arma de um poderoso líder Oso Verde, uma parte de sua própria identidade. Um objeto inestimável, incapaz de ser comprado com qualquer outra moeda além de sangue.

Mudt foi o primeiro a recuperar os sentidos; agarrou o ombro de Bero e disse:

— Tava costurada no forro. Deve ter mais.

Cavaram ainda mais fundo no estofamento danificado e quase que imediatamente encontraram duas braçadeiras de pulso feitas de couro cheias de joias. Kaul usara um cinto carregado de jade. Talvez estivesse ali também, escondido em algum canto do caixão.

Antes que pudessem continuar procurando, Nuno apareceu na extremidade da cova e, com o rosto áspero como couro tremendo, encarou-os ali de cima.

— Vocês precisam dar no pé. Mandei os guardas darem uma olhada no cadeado no portão dos fundos, mas eles vão voltar. A gente tem que dar um jeito nessa imundície.

— Joga a bolsa — exclamou Bero.

Nuno obedeceu. Os dois ladrões devolveram o pedaço de madeira do caixão ao lugar e colocaram o máximo possível de terra úmida ao redor. Bero chegava a sentir dor pensando em todas as outras jades que podia estar deixando para trás, mas antes um pássaro na mão do que dois voando. Aprendera com muito sofrimento que não dava para ser ambicioso demais. Com cuidado para não tocar nas pedras preciosas com a pele, envolveu os valiosos achados em diversas camadas de juta e guardou-os junto às ferramentas. Bero limpou as mãos sujas nas calças, passou a bolsa pelo ombro e estendeu o braço para que Nuno o puxasse do buraco. Com os lábios manchados se afastando dos dentes numa expressão de nojo, o zelador recuou.

— De jeito nenhum que eu vou chegar perto de jade roubada.

Fora apenas porque o sujeito se metera numa dívida considerável que haviam conseguido suborná-lo com uma quantia de dinheiro que Bero quase se arrependera de entregar ao pensar em quanto brilho teria que vender ao longo de meses para financiar aquela empreitada.

Bero mandara Mudt fazer mãozinha para ajudá-lo a sair do buraco. Quando cambaleou em segurança para fora, olhou para o adolescente mais jovem, ali de pé na terra, com o braço esticado e, por um instante, pensou em deixá-lo para trás. Agora que finalmente tinha sua jade, por que dividi-la com esse pirralho? Acontece que Mudt era bem capaz de entregá-lo caso fosse deixado de lado. Além do mais, o rapazote era duro na queda e fora útil até então. Isso Bero não tinha como negar.

Ele se agachou e ajudou Mudt. Nuno ligou a retroescavadeira e usou-a para ajeitar a terra remexida. Quando terminou, a cova estava quase igual a antes. Alguém de olhar aguçado perceberia as pegadas no barro e o firmamento irregular e bambo do túmulo, mas aí já seria pensar longe demais. Os jovens ladrões desamarraram os lenços e enxugaram o suor e a lama dos rostos enquanto Nuno, às pressas, os guiava de volta colina abaixo. A noite já estava completamente escura àquela altura, e não havia ninguém prestando atenção nos três, mas, se houvesse, veria o que parecia um trio de funcionários do cemitério terminando o expediente.

No portão, Nuno disse:

— Devolvam as camisetas e os bonés de uma vez.

Os rapazes tiraram os disfarces sujos com veemência e os devolveram ao saco de lixo.

— Conseguiram o que queriam, não conseguiram? Malditas sejam suas almas, coisa e tal — exclamou o zelador, cheio de asco. — Agora vamos tratar da outra metade do dinheiro.

Bero assentiu e se agachou para abrir o bolso lateral da bolsa. De trás, Mudt, com toda a força, acertou a nuca de Nuno com a pedra que segurava com firmeza no punho cerrado. Depois, empurrou o sujeito para o chão. Bero se levantou com uma pistola compacta nas mãos e atirou duas vezes; a primeira bala atingiu o homem na testa e a segunda, na bochecha.

Ambos os garotos ficaram olhando, estupefatos, por três ou quatro segundos depois que o clarão do disparo esmaeceu. Revirados para cima, os olhos de Nuno estavam abertos e congelados numa feição de alarme e susto. Os ferimentos eram surpreendentemente pequenos e o sangue já estava sendo absorvido pelo solo seco.

O primeiro pensamento de Bero foi que o plano, por mais incrível que parecesse, tinha ido muito bem, e que, no fim das contas, fora um acerto manter Mudt por perto. O segundo foi que era bom o fato de o zelador não ser um sujeito grandalhão, porque senão teria sido difícil movê-lo. Os dois adolescentes ofegavam e suavam devido à exaustão e ao medo quando

terminaram de arrastar o corpo até um buraco raso debaixo do arbusto mais próximo. Bero procurou às pressas pela carteira de Nuno na jaqueta.

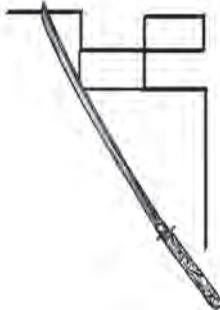
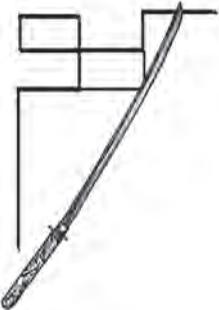
— Pega o relógio também — sibilou para Mudt. — Faz parecer que foi um assalto.

Surrupiam o chaveiro do bolso do homem e, depois de chutarem folhas e galhos sobre o cadáver, correram para o portão. Enquanto Bero xingava e tinha trabalho com o cadeado, Mudt dobrou o corpo, sem ar, com a parte branca dos olhos visível sob a cortina ensebada de cabelo e as mãos sobre os joelhos.

— Puta merda. *Put merda puta merda puta merda.*

Conseguiram, enfim, abrir o portão. Puxaram as pesadas barras de metal depois de passarem e Bero agarrou a bolsa com força enquanto, fugindo das lanternas dos guardas, trotaram em direção à cobertura oferecida pelo Parque da Viúva, para o brilho da cidade lá embaixo.

AMOSTRA



CAPÍTULO 2

A MORTE DO TOCHA

Kaul Hiloshudon estava na ponta da vasta multidão que se reunira para oferecer as últimas honrarias ao seu avô. Havia muita gente prestando atenção nele hoje, e o povo perceberia se o Chifre parecesse distraído ou agitado, então Hilo manteve os olhos fixos no caixão envolto naquele caro tecido branco e moveu os lábios, com obediência, para acompanhar os cânticos entoados pelos penitentes. Mesmo assim, achou difícil manter a atenção na cerimônia; era impossível abafar sua percepção na presença de tantos inimigos.

Seu avô tivera uma vida longa e importante. Kaul Sen lutara pela libertação do país e, depois, através de política, de administração e do grande clã que construiu, moldara a nação de Kekon de formas duradouras. Do alto de seus 83 anos, morreria sem alarde no meio da noite, sentado, como sempre, em sua poltrona que ficava à janela da casa da família. Um sinal da benevolência dos deuses, é claro. Se nos últimos anos de sua vida, com a demência e cada vez menos tolerância à jade, vovô se tornara um velho cruel, insuportável e amargurado por arrependimentos e perdas, que não tinha nada além de palavras cruéis a respeito da administração do Despon-ta, agora nas mãos do neto de quem menos gostava, para oferecer... bom, os cidadãos comuns não faziam a menor ideia disso. Por dois dias e duas noites, uma vigília repleta de pessoas acontecera no Distrito do Templo, e Hilo teve a impressão de que metade da população da cidade aparecera para o funeral. A outra metade provavelmente estava assistindo pela televisão. A morte do Tocha de Kekon marcava o fim de uma era, a passagem de uma geração fundamental que libertara a nação das garras da ocupação estrangeira e reconstruía a prosperidade do país. Todas as figuras públicas importantes estavam presentes para tamanha e profunda comemoração, inclusive Ayt Madashi.

A Pilarisa do Clã da Montanha se encontrava do outro lado da multidão, em um comprido casaco branco e com uma echarpe da mesma cor, cercada por seu próprio povo. De onde estava, Hilo mal conseguia vê-la, mas nem precisava: era capaz de Perceber a distinta densidade de sua aura

de jade sem esforço algum. A ironia da presença dela no mesmíssimo lugar em que Lan, o irmão mais velho de Hilo, se transformava em pó sob a terra o teria enraivecido se ele tivesse se dado o direito de pensar a respeito, o que não aconteceu; ele não tinha a menor intenção de dar essa satisfação à rival.

No dia anterior, Ayt divulgara um comunicado público reconhecendo a importância de Kaul Sen como um herói nacional, um pai para o país e o amado camarada e amigo de seu falecido pai, Ayt Yugontin, que os deuses saúdem ambos. Ela expressou sua tristeza frente ao recente conflito entre os clãs desses dois homens extraordinários; esperava que as infelizes discordâncias fossem superadas para que a nação seguisse em frente com o inabalável espírito de união outrora demonstrado pela patriótica irmandade de guerra conhecida como Sociedade da Montanha Única.

— Papo furado — dissera Hilo.

Nem por um segundo achava que Ayt Mada abandonaria o objetivo de matar a ele e a sua família, de destruir o Desponta e de assumir o controle inquestionável dos estoques de jade do país. Sangue derramado não se lava com anúncios na imprensa.

— É uma ótima jogada de relações públicas — comentara Shae. — Fazer o povo se lembrar da parceria do vovô com o pai dela e se associar com o legado de todos os Ossos Verdes.

Para além da breve análise, sua irmã pouco falara nas últimas setenta e duas horas, até mesmo depois da vigília de silêncio de dois dias. Hilo olhou para ela, ao seu lado, com a coluna reta, mas com olheiras ainda visíveis sob o pó branco dos enlutados sobre o rosto. Sua aura de jade, normalmente aguçada, parecia abatida. Shae amava o avô, sempre se deleitara no favoritismo que recebia. Chorara com amargura diante da morte dele.

Hilo voltou a atenção à multidão. Havia outros líderes influentes do Montanha ali presentes; perto de Ayt Mada estava um sujeito baixinho com cabelo lambido (Ree Turahuo, o Homem do Tempo do clã), e ao lado dele, um sujeito com traços grosseiros e uma barba grisalha caprichosamente aparada para combinar com o cabelo. Hilo não sabia lá muita coisa a respeito de Nau Suenzen, que sucedera Gont Aschentu como o Chifre do Montanha, mas os rumores e os espiões lhe disseram que Nau possuía a reputação de ser um cruel combatente de guerrilha que conduzira missões de sabotagem e assassinato para Ayt Yu durante a ocupação de Shotar. Ele tinha apenas 23 anos quando a Guerra das Muitas Nações terminou e não parecia, fosse pela aparência modesta ou pela textura tranquila e branda de sua aura de jade, ter metade do poder ou presença de seu antecessor. Hilo suspeitava de que essa era, por si só, uma artimanha digna de preocupação.

Em vestes brancas funerárias, os penitentes deístas (vinte e quatro deles para um público tão grande e um enterro tão importante) concluíram a longa cerimônia religiosa com várias repetições de *que os deuses o saúdem*, que foram ecoadas por todos os reunidos. Hilo fechou os olhos e aguçou sua fadigada Percepção enquanto vagava através do ruído mental de milhares de respirações e batimentos cardíacos. Ali estava: despercebida em algum lugar atrás do aglomerado de membros do Clã da Montanha, a familiar e nebulosa aura de jade do homem que um dia chamara de tio. O antigo Homem do Tempo do Desponta, um traidor da família Kaul. Yun Dorupon estava ali, e de luto.

— Nem se dê ao trabalho. Não vamos pegar ele hoje — avisou Shae, baixinho.

Talvez ela tivesse visto o olhar concentrado no rosto do irmão, ou simplesmente Percebera seu ímpeto, mas Hilo ficou surpreso. Não pensou que ela fosse notar Doru ou que sequer estivesse prestando atenção.

Ela tinha razão, é claro. Não poderiam agir com violência na presença de penitentes no dia do funeral do avô, mas, pensando por um viés mais pragmático, havia guerreiros do Montanha demais ali. Centenas de Punhos e Dedos dispostos em frente aos do Desponta. Ao ampliar sua Percepção, as auras de todos os Ossos Verdes no local criaram um pesado sussurrar de energia de jade como as incessantes vozes de uma rua movimentada. Os clãs estavam, sim, fazendo um showzinho com a força de seus respectivos números, mas hoje erguiam uma bandeira branca para honrar o mesmo homem.

A enorme multidão começou a se dispersar. Hilo se preparou para a interminável e inevitável tarefa de exibir um semblante solene e aceitar as condolências do círculo íntimo de fiéis ao clã: Lanternas, políticos e famílias proeminentes de Ossos Verdes. Mais cedo, certa perturbação pareceu ter ocorrido perto da entrada do cemitério, e Maik Kehn mandara um de seus Punhos para investigar. Agora Kehn apareceu ao lado de Hilo e disse baixinho:

— Tão fofocando por aí que um corpo foi encontrado no cemitério ontem à noite.

Hilo curvou a boca.

— Só um? Os outros se levantaram e saíram andando, por acaso?

O Chifre bufou. Era o mais próximo de uma risada que conseguia proferir, mas seus ombros largos se levantaram, achando graça da situação.

— Encontraram o zelador com um tiro na cabeça perto do portão. Disseram que foi por causa de dívidas. Não parece muito importante, mas

— você sabe como algumas pessoas são. Tem gente que chora com medo do azar só por achar uma mosca num copo de hoji.

Hilo assentiu. Nenhuma notícia negativa deveria manchar o funeral do Tocha.

— Fala com o diretor do cemitério e deixa quieto. — Relutante, olhou para a longa fila de simpatizantes que precisaria encarar. Já não conseguia mais Perceber nem Ayt e nem Doru por perto. — Fala pro Tar me dar uma hora. Depois não tô nem aí pra quantos puxa-sacos continuarem aqui, vou pra casa.



Duas horas e meia depois, Hilo chegou à propriedade Kaul. Havia carros estacionados por todo o longo acesso à entrada e ao redor da rotatória; o funeral público seria sucedido por um velório reservado para os membros da família e para os Ossos Verdes de cargos mais elevados do Desponta. Através da janela meio aberta do carro, era possível ouvir música e sentir o cheiro de churrasco que vinha do pátio. Chegar na casa dos 80 anos era, ao que diziam, motivo para comemoração; era considerado um sinal de conquista das Virtudes Divinas e uma marca da aprovação dos deuses que garantiria a volta ao reino dos Céus do prometido dia do Retorno. Hilo considerava essa uma daquelas crenças que deviam ter feito mais sentido em uma época de guerra e poucos cuidados médicos, mas, mesmo assim, agora que o luto oficial por Kaul Sen terminara, o véu branco caíra e a reunião mais informal tinha um quê de festividade. Provavelmente duraria um bom tempo.

Maik Tar dirigiu o Duchesse Priza direto para a entrada da casa principal. O Encarregado do Pilar colocou o carro em ponto morto e se virou para trás.

— Hilo-jen, aquelas pessoas que você concordou em ver hoje ainda tão aqui. Quer que eu mande te encontrarem ou me livre delas?

— Cadê a minha irmã? — perguntou Hilo. — Ela já voltou?

— Tá te esperando lá dentro.

Conformado, Hilo afundou o cigarro no cinzeiro.

— Manda entrarem.

Tar deu um olhar solidário para o chefe.

— Vou guardar um prato de comida pra você. Quer algo específico?

— Um pouco daquela carne de porco defumada.

Hilo saiu do carro, caminhou para dentro de casa e, com relutância, entrou no escritório. O local já havia sido o cômodo favorito de Lan, e Hilo ainda não se sentia completamente confortável ali. Enfim havia feito algumas mudanças: tirara algumas das estantes, instalara uma televisão, comprou um frigobar maior e trouxera poltronas mais aconchegantes, mas sempre que ia àquele lugar, a sala, sem gentileza alguma, fazia-o lembrar de que ele não nascera para ser o Pilar do clã.

Com frequência, preferia usar a cozinha ou o pátio quando encontrava seus subordinados, mas esses espaços estavam ocupados no momento e ele era obrigado a admitir que o escritório transmitia um ar de autoridade formal que parecia mais apropriado para uma reunião com os acionistas e peticionários do clã, pessoas com quem era preciso amenizar seu ar juvenil e a reputação conquistada nas ruas, e enfatizar o poder e o legado de sua família.

Shae já estava ali, sentada em uma das poltronas de couro. Havia tirado o pó do rosto, refeito a maquiagem e vestido uma saia escura e uma blusa bege, mas os olhos pareciam fundos e cansados, quase acusadores. *Você não amava o vovô nem um pouquinho?*

— Não precisa ficar — disse Hilo. — Eu consigo me virar sozinho.

— E se um Lanterna te pedir pra pressionar o Conselho Real a respeito do futuro projeto de lei pra limitar taxas extras dos combustíveis?

Hilo semicerrou os olhos.

— Ninguém vai me pedir isso.

— Verdade. Nem existe um futuro projeto de lei pra limitar taxas extras dos combustíveis. Acabei de inventar. — O sorriso de Shae era singelo e sua astúcia carregava pouco da petulância de sempre. — Vou ficar.

Hilo franziu o cenho e se absteve de responder, mas apenas em consideração ao luto da irmã. Era verdade que não conhecia os negócios e os entraves políticos do clã tão bem quanto ela, mas ficar esfregando isso na cara dele era o tipo de grosseria que a irmã devia ter herdado do avô.

Hilo mal tirara a gravata e desabotoara o colarinho quando Tar bateu à porta e a abriu para permitir que um homem acompanhado de uma mulher com um neném nos braços entrassem. Ao vê-los, Hilo se iluminou de imediato e foi abraçar o homem com carinho.

— Eiten, meu amigo — cumprimentou-o. — Sua filha tá enorme! Ela tem mesmo só nove meses? Podia muito bem encarar uma criança de dois anos.

Eiten não tinha como retribuir o abraço do Pilar e nem levar as mãos entrelaçadas à testa na tradicional e respeitosa saudação, mas seus olhos

brilharam com orgulho diante das palavras de Hilo e ele fez uma leve reverência. Vestia uma camisa branca bem passada de mangas curtas que cobria as pontas amputadas de seus braços e sandálias pretas e macias.

— Ela é uma pestinha, Hilo-jen. Chora por horas a fio e odeia ficar fora do colo.

Ele meneava a cabeça de forma rabugenta, mas não parecia nem um pouco infeliz.

— Claro que ela nasceu pra ser tão verde quanto o papai dela — disse Hilo.

Viu a esposa de Eiten assentir e sorrir. A velha crença de que crianças agitadas cresciam e se tornavam guerreiros melhores antigamente se aplicava apenas a meninos, mas nos últimos tempos, vinte por cento dos alunos na Academia Kaul Dushuron eram garotas; havia Punhos mulheres e até mesmo uma Pilarisa. Uma menininha com cólica era motivo de orgulho, não de preocupação.

— Minha única preocupação é que ela seja verdejante demais para se casar — comentou a esposa de Eiten.

Hilo percebeu o olhar dela se desviar brevemente para Shae.

— Quem sabe quando ela crescer as pessoas não vão mais pensar assim — disse Shae, com um sorrisinho.

— A Homem do Tempo tá certa e, além do mais, é cedo demais pra se preocupar com isso — declarou Hilo.

O Pilar colocou uma das mãos no ombro do amigo e guiou a família em direção às poltronas. Um macaco marrom corria na cola de Eiten, e quando o antigo guerreiro se sentou, o animal pulou para o descanso de braço e, alerta, se empoleirou ali enquanto coçava o peito. Hilo pegou algumas garrafas de refrigerante do frigobar e as colocou sobre a mesinha de centro. Com uma ordem de Eiten, o macaco pulou na mesa, abriu uma das garrafas, inseriu um canudo e levou-a de volta ao mestre. Eiten tirou um dos pés das sandálias e segurou o pescoço da garrafa com firmeza entre os dedos. Havia um bracelete de jade pendurado no calcanhar que descansava sobre o joelho oposto.

Hilo se sentou na frente de seu antigo Punho. Sua voz assumiu um tom solene.

— Como está se virando? Tem mais alguma coisa que o clã possa fazer pra ajudar?

— O senhor já fez muito pela gente. Fácil não é, mas o Zozo deixa tudo menos difícil. Ele abre portas, abotoa minhas camisas e até limpa a minha bunda pra mim — contou Eiten, rindo.

Um Dedo do clã contara a Hilo a respeito da organização shotariana que treinava macacos para ajudar pessoas com deficiência, já que havia muitos veteranos de guerra naquele país, e ele mandara um Lanterna cuidar dos trâmites.

Eiten se curvou para a frente e bebericou do canudo. Quando voltou a ajoitar a postura, encarou o Pilar direto nos olhos.

— Quando o Gont Asch tirou meus braços, o senhor prometeu que ia matar ele e pegar a sua jade, e foi bem isso o que fez. O senhor me mandou viver por um ano pra poder ver a vingança do clã, pra ver minha filha nascer e, se depois desse ano eu ainda quisesse morrer, o senhor mesmo honraria meu desejo. — A voz do sujeito ficou rouca, mas não vacilou. — Um ano se passou e eu tô aqui na sua frente, Hilo-jen. Se eu pedisse pro senhor cumprir a promessa que me fez sem hesitar, o senhor ainda faria?

A esposa de Eiten agarrou com mais firmeza a filha adormecida e, mordendo o lábio, abaixou a cabeça. O marido não olhou para ela ou para a bebê; seus olhos permaneciam em Hilo, que percebeu uma estranha e mordaz insistência no zumbir da aura de jade do amigo.

— Faria — respondeu o Pilar. — Como prometi.

Eiten assentiu. Sua aura relaxou e se assentou; ele olhou para a filha que dormia e seu rosto, tomado por uma devoção evidente, suavizou.

— O senhor estava certo, Hilo-jen. Tenho motivos para viver agora e não desejo mais morrer. — Mas Hilo entendia que era importante que ele soubesse que a opção esteve ali, que a decisão estivera, de fato, em suas mãos, e que a palavra do Pilar sempre seria verdadeira. Eiten encarou-o de volta. — Ainda assim, não quero passar o resto da vida sendo um inútil e precisando de ajuda pra tudo. Eu era um Punho de altíssimo ranque do Desponta. Tenho ciência de que não tenho mais utilidade para o senhor, mas se estiver disposto a me ouvir, vim pedir um favor.

— Me peça tudo o que precisar — disse Hilo. — Se eu puder, farei de bom grado.

— Meu sogro faz hoje. A destilaria dele é pequena, mas produz uma das melhores bebidas do país e vende para lojas chiques e restaurantes. Ele quer expandir para um lugar maior, mas tá ficando velho e precisa de um sócio pra cuidar da empresa. Sei que não seria nada muito grande pro clã, mas peço que o escritório da Homem do Tempo ofereça patrocínio pra mim, pra que eu possa tomar conta dos negócios da família da minha esposa. Meu corpo pode até não estar inteiro, mas minha cabeça tá, e acho que fazer a empresa crescer como um Lanterna do clã me traria muita satisfação.

Hilo se virou para a esposa do sujeito com um sorriso.

— O que você acha da ideia, Dona Eiten? O seu marido tem o que é preciso pra ser um dos melhores produtores de hoji que o mundo já viu?

— Nós dois passamos anos ajudando meu pai na destilaria, e ele sempre teve vontade de assumir o comando em algum momento — respondeu a mulher, baixinho, mas com confiança. — Mas meu marido era um Punho, devotado ao senhor e ao clã, então é claro que o dever dele era mais importante. Já sou muito grata por ele estar vivo, e é graças ao senhor, Kaul-jen, e meu coração me diz que essa é a nossa segunda chance. Ele se daria muitíssimo bem, e assim que nossa filha for mais velha eu ajudaria também, é claro.

— Você falou que precisava de um lugar novo — falou Hilo, novamente se dirigindo a Eiten. — Todo o andar mais baixo do Dobro Dobro tá sendo renovado e expandido. A gente poderia arranjar espaço pra sua destilaria, e tem uma adega bem grande lá também. Acha que serviria? Vocês forneceriam hoji para todas as casas de aposta na Rua do Pobre.

Eiten arregalou os olhos.

— Hilo-jen, é muito mais do que a gente poderia pedir...

— Preciso de alguém de confiança naquela parte do Distrito do Sovaco — continuou Hilo. — Tem sempre o risco dos Montanha tentarem reaver o que a gente tomou deles ano passado. O Chifre garante que a área fique sempre protegida, mas eu me sentiria melhor se tivesse um Osso Verde em quem confio dentro das instalações pra ficar de olho e atento. Será que você dá conta de fazer o seu hoji de qualidade e ainda servir o clã, Eiten-jen?

Eiten engoliu em seco e assentiu.

— O clã é meu sangue, e o Pilar é seu mestre. Obrigado, Hilo-jen. Sempre serei um de seus guerreiros, de qualquer forma que o senhor exija de mim.

Hilo sorriu e se levantou; os outros se levantaram junto. O movimento acordou a bebê, que procurou pelo peito da mãe e começou a berrar numa intensidade absurda que fez Hilo estremecer, e depois rir.

— Vão lá, você precisa dar comida pra essa diabinha. Podemos resolver os detalhes depois.

— Reúne os registros financeiros dos últimos cinco anos do seu sogro e mande tudo pro escritório da Homem do Tempo junto com os detalhes do pedido de patrocínio — disse Shae. — Assim podemos ajeitar as coisas mais rápido.

Eiten e a esposa reafirmaram sua gratidão. O macaco marrom bebeu até a última gota do refrigerante de pêssego de seu mestre e saiu correndo atrás da família.

Vê-lo tão bem quanto as circunstâncias permitiam e ser capaz de atender àquele pedido melhorou consideravelmente o humor de Hilo. As duas